# O POPULISMO VISTO DA PERIFERIA: ADHEMARISMO E JANISMO NOS BAIRROS DA MOOCA E SÃO MIGUEL PAULISTA, 1947-1953

**RESUMO**

Este artigo procura compreender a emergência das lideranças políticas de Adhemar de Barros e Jânio Quadros e suas relações com uma sofisticada rede de sociabilidade locais, bem como a montagem de máquinas políticas que forneceram a base para a constituição de suas mitologias políticas. Para isso, analisamos o adhemarismo e o janismo em dois bairros populares da capital paulista: Mooca e São Miguel Paulista.

**PALAVRAS-CHAVE**

Populismo; São Paulo, bairros; Trabalhadores; Partidos políticos

**Adriano Duarte**[1]
**Paulo Fontes**[2]

# O POPULISMO VISTO DA PERIFERIA: ADHEMARISMO E JANISMO NOS BAIRROS DA MOOCA E SÃO MIGUEL PAULISTA, 1947-1953

Grande parte das análises sobre a política paulista no período entre 1945 e 1964 tem destacado o carisma, a capacidade de manipulação das lideranças populistas e suas relações diretas — sem a intermediação de instituições tradicionais como partidos e sindicatos — como a razão do seu sucesso. No entanto, sem menosprezar tais fatores, é preciso destacar que essa perspectiva tem negligenciado o decisivo papel desempenhado por uma rede de contatos locais articulada e estabelecida nos bairros periféricos e, de modo geral, constituída antes da emergência de líderes populistas como Adhemar de Barros ou Jânio Quadros. Foi essa teia de organizações locais que, no cotidiano dos bairros periféricos, muitas vezes deu forma e conteúdo a essas lideranças que então se constituíam. E, nos períodos eleitorais, era o acionamento dessa rede que desencadeava e fornecia o suporte para suas campanhas.

Localizado na zona leste da capital, o Bairro da Mooca apresentava, em meados dos anos 40 do século XX, um adensamento peculiar, imbricando trabalho e moradia. Embora relativamente próxima ao centro, a Mooca não esteve livre dos mesmos problemas urbanos que afligiam os bairros periféricos mais distantes. Naquela década era o bairro mais populoso da cidade, com aproximadamente 93.733 habitantes.[3] Dividia-se em Mooca de Baixo – que se estendia do rio Tamanduateí até, aproximadamente, o número mil da Rua da Mooca, no sentido leste e até à caixa d'água, na Avenida Paes de Barros, na direção sudeste. E Alto da Mooca – que se espraiava do número mil da Rua da Mooca fazendo divisa com o Belenzinho, Tatuapé, Vila Formosa e Vila Prudente. Até hoje, a percepção dos moradores sobre estes limites é muito fluida e tema de constantes debates. A Mooca de Baixo tem uma ocupação mais antiga, dividida entre napolitanos, espanhóis e portugueses; o Alto da Mooca, por sua vez, também contava com essas

---

[1] Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Este artigo rediscute parte do capítulo III de minha tese de doutorado intitulada *Cultura popular e cultura política no após-guerra*: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-73. 2002. 273 f. Tese (Doutorado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. <adrianold@uol.com.br>
2 Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e pesquisador bolsista do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Este artigo rediscute parte do capítulo V de minha tese de doutorado intitulada *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais*: São Miguel Paulista (1945-1966). 2002. 412 f. Tese (Doutorado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. <pfontes@mandic.com.br>.
3 *Boletim Eleitoral*, ano VI, n. 103, mar. 1953.

colônias, mas era marcadamente "hungarês".[4] Até meados da década de 60 do século XX, a indústria têxtil era a indústria predominante na região, oferecendo 31% dos empregos industriais, seguida pela indústria metalúrgica com 12,1% dos empregos e pela indústria de materiais de transporte com 11,1%; seguiam-se as indústrias de alimentos e as confecções, representadas por estabelecimentos menores.

Pequeno e isolado, nas cercanias de São Paulo, São Miguel Paulista teve sua face radicalmente alterada quando, no final da década de 1930, ali se instalou a Nitro Química, grande fábrica de fibras artificiais e produtos químicos. O bairro constitui-se então em um dos principais distritos operários do subúrbio paulistano. A maioria dos trabalhadores da Nitro Química era composta de migrantes rurais, em particular nordestinos e mineiros, que foram morar nas diversas vilas erguidas em São Miguel.[5] Um vigoroso processo de loteamento urbano transformou-o em um dos distritos de maior crescimento e um dos mais acabados exemplos da expansão periférica em São Paulo. A forte presença de migrantes tornou-se uma das marcas características da região, que ficaria conhecida como um dos primeiros redutos de nordestinos da cidade. São Miguel também ficaria conhecido pela efervescência e intensidade de suas lutas políticas e sociais. Um dos principais redutos paulistanos do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em seu breve período de legalidade (1945-1947), o bairro seria marcado pela rivalidade entre janistas e adhemaristas na década seguinte. Único bairro periférico da cidade com dois vereadores, cada qual representando uma das principais vertentes da política paulista de então, São Miguel foi palco de acirrados confrontos e tensões motivados por tal polarização.[6] Uma análise mais aprofundada da política local nesses bairros pode, sem dúvida, nos oferecer preciosos elementos para uma compreensão mais sofisticada e menos estereotipada dos fenômenos adhemarista e janista em São Paulo.

## Adhemar de Barros e o PSP

---

4 *Napolitanos são todos aqueles que se originam da 'Campânia', região da Itália meridional cuja cidade mais importante é Nápoles*. CARTA, M. *Histórias da Mooca*: com a benção de San Gennaro. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1982. p. 35. Isso talvez distinga a Mooca tanto do Bexiga, predominantemente calabrês, quanto do Brás, marcadamente barese. "Hungarese" ou "hungarês", é um termo genérico, comumente usado no bairro, para designar as pessoas de pele clara e cabelos loiros, geralmente oriundos da Europa Centro-Oriental: russos, lituanos, húngaros, poloneses, iugoslavos, alemães, etc. Em certas circunstâncias pode ter uma conotação pejorativa, como "bichos d'água" porque depois de algumas doses de bebida alcoólica eles ficavam com a pele muito avermelhada.

5 Para uma análise da implantação da Nitro Química em São Miguel Paulista, Cf. FONTES, P. R. R. *Trabalhadores e cidadãos.* Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: Annablume, 1997. Particularmente os capítulos 1 e 2.

6 Os vereadores eram o janista Tarcílio Bernardo do Partido Trabalhista Nacional (PTN) e o adhemarista Aurelino de Andrade do Partido Social Progressista (PSP).

Em 1945, com os novos ventos da política nacional, Adhemar de Barros, que fora interventor em São Paulo nomeado por Getúlio Vargas, assumiu uma roupagem oposicionista e se empenhou na fundação do Partido Social Progressista (PSP) usando os contatos estabelecidos no período da interventoria. Eleito governador em janeiro de 1947, com o decisivo apoio do PCB, Adhemar de Barros utilizou-se habilmente da estrutura governamental e dos recursos públicos para transformar o PSP na mais capilar e sofisticada organização partidária do Estado entre as décadas de 40 e 60 do século XX. A ilegalidade do PCB abriu espaço para que o PSP se disseminasse e se consolidasse em vários distritos e regiões operárias onde os comunistas haviam predominado durante sua breve atuação legal. Além disso, o PSP foi beneficiado pelas disputas internas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) paulista.[7] Aliando-se ou cooptando diversas máquinas políticas locais do interior do Estado, o pessepismo também comprimiu o espaço do Partido Social Democrático (PSD) e da União Democrática Nacional (UDN), consolidando-se nas regiões rurais do Estado.

Desde o início de sua carreira política Adhemar de Barros foi uma figura carregada de ambigüidade, um dos *políticos tradicionais* que mais claramente percebeu a novidade, para o cenário político e social, da presença de milhares de novos eleitores residentes em bairros periféricos e nas cidades operárias que cresciam em São Paulo. Como destacou John French, a vitória de Adhemar, nas eleições de 1947, *assinalou o surgimento de um novo tipo de chefe político que se dispunha a cortejar, ainda que oportunisticamente, a população urbana e operária do Estado*.[8]

Com discurso permeado de referências classistas e dirigido aos trabalhadores, reconhecendo-os como os interlocutores privilegiados, Adhemar condenava as desigualdades da sociedade brasileira e atacava as *elites*, consideradas por ele como egoístas e arrogantes, criando em torno de si uma imagem de generosidade e de acesso livre e fácil aos trabalhadores e excluídos. Ao mesmo tempo, porém, aliava-se aos setores mais conservadores da sociedade paulistana e, não poucas vezes, reprimia greves e manifestações populares em nome da conservação da ordem e da segurança pública. Neste contexto, Adhemar se apresentava como um

---

7 O partido de Vargas jamais conseguiu capitalizar inteiramente a popularidade de seu líder entre os trabalhadores em São Paulo. Sua direção estadual, além de freqüentemente estar em conflito com as lideranças nacionais, fragmentou-se ao longo dos anos 50 e 60 do século XX em diversas correntes e posições. Sobre o PTB paulista, CF. BENEVIDES, M. V. *O PTB e o trabalhismo:* partido e sindicato em São Paulo (1945-1964). São Paulo: Brasiliense: Cedec, 1989.

8 Cf. FRENCH, J. *O ABC dos operários:* conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995. p. 205. Sobre o surgimento do adhemarismo em São Paulo, ver também SAMPAIO, R. *Adhemar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global, 1982.

candidato popular e progressista. E foi da junção dessas duas características que ele desenvolveu sua auto-imagem de populista:

> *Ser populista, para nós, é dar à função social do Estado uma amplitude que não teve até agora. É governar dando oportunidade a todos e procurando elevar cada um de acordo com as suas necessidades* [...]. *Os que se separam do populismo, classificam-se, muito granfinamente, de democratas. Na verdade, porém, são apenas homens poderosos ou a serviço de grupos poderosíssimos que julgam que o Brasil deve continuar a ser das raras nações do mundo onde existe, de um lado, uma pequena minoria de milionários e, de outro, a grande maioria de paupérrimos e semi-pobres.*[9]

É bem possível que a força do adhemarismo advenha exatamente dessas ambigüidades do seu discurso, e talvez, exatamente por isso, ele tenha conseguido uma ampla ressonância. Principalmente por manter um viés *classista* ao enfatizar a oposição entre os detentores do poder econômico, de um lado – os *cartolas*, os *tubarões* – na sua linguagem típica; e os *paupérrimos* e *semipobres*, de outro.[10] O PSP desenvolveu uma máquina azeitada com uma estrutura bastante verticalizada. Os diretórios distritais, que correspondiam a um Distrito de Paz, formavam a base do partido. Nas cidades mais populosas era ainda possível criar subdiretórios distritais, por bairro, por área industrial ou residencial; esses, porém, estariam diretamente subordinados ao diretório municipal do partido. Cada diretório distrital indicava o respectivo juiz de paz, o delegado de polícia e o subdelegado. Cada subdelegado escolhia os inspetores-de-quarteirão. Essa estrutura garantia, em cada distrito, uma teia de contatos e apoios que poderia ser acionada rapidamente. Isidoro Del Vecchio, antigo morador da Mooca, lembra que os fiscais de quarteirão *eram ligados aos clubes esportivos, associações culturais, clubes das colônias* [...] *Era uma rede*.

No Bairro da Mooca, em 1947, o diretório do PSP contava com 25 subdelegados, cada um coordenava entre cinco e dez inspetores-de-quarteirão. Sem muito esforço conectavam 250 ruas do bairro. Como na Mooca, havia dois diretórios distritais, alcançavam-se facilmente todas as ruas. O bairro era então todo esquadrinhado e cada rua tinha o seu inspetor de quarteirão, subordinado a um subdelegado indicado diretamente pelo diretório distrital do PSP. Formava-se uma teia de contatos e apoios capaz não apenas de levantar reivindicações específicas de cada

---

9 SAMPAIO, op. cit, p. 68. Palestra radiofônica transcrita em *O Dia*, 13 maio 1949. Grifos nossos.

10 Sobre as tensões e as brechas provocadas pela ambigüidade entre a linguagem de classe e as reais pressões por demandas populares ver: FRENCH, J. Worker and the rise of adhemarista populism in São Paulo, Brazil, 1945-1947. *The Hispanic American Historical Review*, Durham, v. 68, n. 1, Feb. 1988.

uma das ruas do bairro, mas de se informar sobre os acontecimentos cotidianos, em cada quarteirão. *Todas as quartas-feiras na rua do Oratório, no galpão de um clube de futebol, a Portuguesa F. C. da Mooca*, exemplifica o mesmo Isidoro Del Vecchio, um dos fundadores do diretório do PSP no bairro, *eu reunia cerca 500 ou 600 pessoas para falar de assuntos do bairro.* [...] *Mas eu coordenava esse pessoal todo através do diretório do PSP: subdelegados, inspetores-de-quarteirão, correligionários.*[11]

Na Mooca, a estrutura do PSP se estabeleceu ocupando o lugar de organizações já constituídas. O diretório do PSP na Mooca de Baixo, por exemplo, formou-se a partir do Oliveira F. C., usando a sua rede de contatos e a sua sedimentada inserção no bairro. Desse modo, a relação da máquina partidária com os eleitores do bairro passava pelo conjunto das entidades já existentes – clubes de futebol, clubes de dança, associações culturais das diversas colônias, etc. – mas pressupunha um fluxo contínuo no atendimento das demandas por melhorias urbanas. Exatamente por isso, a eficiente inserção do PSP e do adhemarismo na vida cotidiana dos bairros da periferia não se deveu apenas ao alcance das práticas clientelistas do É Dando Que Se Recebe – essa foi apenas uma das faces da organização partidária – nem, tampouco, ao carisma ou ao vínculo direto entre Adhemar e seus eleitores. Muito do seu sucesso se deveu, na verdade, à essa ampla rede de contatos com as organizações do bairro e à instituição dos subdelegados e dos inspetores-de-quarteirão.

No interior do Estado, os diretórios distritais do PSP podiam corresponder a vários bairros, mas, na capital, a regra era que cada bairro possuísse um diretório distrital, embora a Mooca possuísse dois, Alto da Mooca e Mooca. Um degrau acima na hierarquia partidária era o diretório regional, que concentrava o poder de decisão em âmbito estadual. O fluxo de favores e benefícios tinha que, necessariamente, passar pela máquina partidária, que era a maneira de garantir que as demandas retornassem como votos, assegurando a hegemonia do partido. Junto a cada diretório distrital, a estrutura do PSP mantinha também alguns departamentos com funções específicas: departamento feminino, departamento social, departamento de assistência social e departamento trabalhista. O departamento trabalhista desempenhava um papel importantíssimo na estrutura partidária, pois ele estabelecia os contatos com os sindicatos e com o movimento operário organizado. O que parece ficar evidente é que a força do adhemarismo e do pessepismo não se devia apenas a seus vínculos com os trabalhadores sindicalmente organizados. O foco da

11 DEL VECCHIO, I. Isidoro Del Vecchio: depoimento [5 maio 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto

sua atuação e o eixo da sua abrangência estavam principalmente nos bairros, na sua relação com os temas e as organizações locais e na sua capacidade em traduzi-los em apoio e votos. Essa estrutura montada pelo Partido Social Progressista, que articulava diferentes tipos de organização do bairro foi, sem dúvida, responsável pela força do adhemarismo paulista.

O sucesso dessa estrutura, no entanto, também dependia do ganho simbólico de poder e influência que ela poderia expressar. Em São Miguel Paulista, com a ilegalidade do Partido Comunista, vários militantes aderiram ao social progressismo de Adhemar e transformaram o PSP na maior agremiação política local no final dos anos 40 e 50 do século XX. O migrante nordestino Aurelino de Andrade, antiga liderança sindical e política do bairro, por exemplo, conseguiu levar vários de seus conterrâneos para a estrutura partidária do PSP. De fato, a origem de Andrade parece ter sido um fator importante para a escolha do líder local do partido pelo governador. *São Miguel é para o baiano* teria dito Adhemar ao indicar Aurelino como presidente do PSP do bairro.[12]

Certamente, não foram apenas o carisma e a origem regional de Aurelino de Andrade que propiciaram o crescimento do PSP na região de São Miguel. Os diretórios municipal e distrital do partido controlavam a nomeação para uma série de cargos públicos e intermediavam reivindicações e pedidos dos moradores junto aos vários órgãos estaduais. Mario Beni, importante político do PSP, lembra que o partido *tinha por norma estabelecer zonas de influência* [...] *como se faz no regime de distritos regionais.*[13] Por conta disto, o próprio Aurelino de Andrade relata que *Adhemar prestigiava mais o presidente do diretório do que hoje* [se prestigia] *um deputado federal. Eu mandei mais nesta região do que qualquer deputado federal*. De fato, mesmo antes de tornar-se vereador, Andrade lembra-se que *Adhemar* [lhe] '*deu' 12 subdelegacias para montar* [...]. *Então, nós cercamos isto aqui*. Em São Miguel, por exemplo, Aurelino conta: coloquei *como subdelegado Aurelino Constantino de Araújo, que era do Piauí, no lugar do Roque Mastromônico que era italiano e eu tirei. Aquilo foi a maior vitória*. [...] *Nomeei um 'baiano'*[14] Entretanto, se de um lado essa rede de contatos lubrificava a máquina

---

Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000. 3 fitas cassetes.

12 LIMA, A. F. Augusto Ferreira Lima: depoimento [18 maio 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998; ANDRADE, A. Aurelino de Andrade: depoimento [1 dez. 2001]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2001.

13 Cf. entrevista de Mario Beni em: CARDOSO, F. H. Partidos e deputados em São Paulo: o voto e a representação política. In: CARDOSO, F. H.; LAMOUNIER, B. et al. (Coord.). *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 51.

14 ANDRADE, A. Aurelino de Andrade: depoimento [1 dez. 2001]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2001.

partidária, por outro era também carregada de ambigüidades na medida em que consolidava privilégios dos que se envolviam nas atividades políticas permitindo abusos e desmandos. Quando Jânio Quadros se elegeu governador, ao propor o fim dos inspetores-de-quarteirão, não apenas minava um dos sustentáculos da política adhemarista, mas também respondia a um anseio popular, como sugere o depoimento de Artur Pinto de Oliveira, morador de São Miguel:

> *Naquela época o sistema policial de São Miguel era um terror* [...]. *Tinha pessoas que eram chamadas de inspetor-de-quarteirão, que o povo, na linguagem popular chamava de 'bate-pau.' Se você era do partido de quem estava no poder você podia fazer o que quisesse: fazer baderna, beber, brincar... Agora se você não era da cartilha... porrada nele! Eles tratavam as pessoas com uma brutalidade, com uma violência terrível. Nesse tempo o político forte aqui era o Adhemar de Barros. E o Jânio na campanha prometeu acabar com isso, e posso lhe garantir que com 3 meses de governador ele já tinha acabado. Acabou com todas essas bandalheiras, a 'cupinchada' do Adhemar.* [...] *Era uma violência danada. E o Jânio acabou com isso...*[15]

Além da máquina partidária montada em torno da estrutura governamental e do PSP, Adhemar de Barros desenvolveu um estilo particular de aproximação com seus correligionários e eleitores que ajuda a explicar seu carisma e popularidade. Em seu tempo de interventoria no governo do Estado, no final dos anos 30 e início dos anos 40 do século XX, Barros já inovara ao comandar um programa radiofônico intitulado Palestra Ao Pé do Fogo, no qual, através de uma linguagem simples, direta e de um tom invariavelmente simpático, comunicava-se com parcela considerável da população paulista. Já na campanha de 1947 começou a visitar os vários bairros periféricos da capital, inaugurando a prática que seria acompanhada por vários outros políticos do período. Adhemar não apenas comparecia aos bairros, como também passou a freqüentar as casas de apoiadores e eleitores em geral.

A presença de um político de tal envergadura em localidades simples, consideradas pelos habitantes como abandonadas e esquecidas pelas autoridades, tinha um grande impacto e era motivo de imensa satisfação. Ainda hoje se faz presente na memória de antigos moradores. Nair Cecchini, que *sempre foi adhemarista*, recorda-se que Adhemar ia muito a São Miguel, *ia na Vila Nitro Química , ia nas casas da gente. Vinha ele e a dona Leonor. Entravam na casa e tomavam café junto*. Antônio Mendes Corrêa também lembra que *Adhemar chegou a ir na* [sua] *casa* [...]

*em São Miguel*. Augusto Ferreira Lima conta que nos fundos da sua casa na Vila Nitro Química havia *uma escola que* [...] *Dona Leonor de Barros* costumava freqüentar. *Ela vinha para o fundo da minha casa*, prossegue Lima, *via as crianças da gente e ali nos abraçava, o Adhemar encostava o carrão dele e* [a gente] *conversava com ele*.[16]

As visitas às casas dos eleitores geravam um envolvimento diferenciado entre Adhemar e seus eleitores, estabelecendo proximidade e indicando aos moradores que ele compreendia seus valores, bem como seus problemas, angústias e necessidades.[17] Adhemar procurava se aproximar da rede de relações informais que norteava a vida dos trabalhadores nos bairros populares da cidade, colocando-se como uma autoridade, mas também como alguém próximo, um amigo. Certamente, as visitas eram também motivo de orgulho e sinal de prestígio para quem as recebia. Aurelino de Andrade relata que, durante o seu período como governador, *Adhemar esteve com dona Leonor na minha casa dez vezes*. [Ele] *me prestigiava*. Augusto Ferreira Lima confirma a estima do presidente local do PSP: *na casa do Aurelino Soares de Andrade, na rua Maria Eva, tinha no segundo andar a cama do Adhemar de Barros* [onde ele] *vinha descansar*.[18] O significado destas visitas era fundamental nas campanhas políticas. Na época eleitoral, relata Aurelino de Andrade*:*

> *Adhemar vinha para cá com dona Leonor e nós fazíamos vinte visitas num domingo*: *...Quando chegava na décima casa* [Adhemar falava:] *'não agüento mais', mas* [Aurelino pressionava] *porque eu não aceitava marcar na casa de um cidadão comum, simples que tá lá aguardando e você manda dizer que não ia. Nunca tolerei isso.*

---

15 LÍRIO, J. F. João Freitas Lírio: depoimento [19 set. 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000; OLIVEIRA, A. P de. Artur Pinto de: depoimento [16 abr. 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998. 2 fitas cassetes.

16 CECCHINI, N. Nair Cecchini: depoimento [21 mar. 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000; CORRÊA, A. M. Antônio Mendes Corrêa: depoimento [27 jul. 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000; LIMA, A. F. Augusto Ferreira Lima: depoimento [18 maio 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998.

17 Para uma análise da importância da visita às casas dos eleitores por candidatos políticos em um contexto recente, ver KUSCHNIR, K. Cultura e participação política no Rio de Janeiro. In: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1986.

18 ANDRADE, A. Aurelino de Andrade: depoimento [1 dez. 2001]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2001; LIMA, A. F. Augusto Ferreira Lima: depoimento [18 maio 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998.

Dona Leonor parecia ter maior sensibilidade sobre a importância deste contato com a moradia e família dos eleitores. Aurelino conta que quando seu marido esmorecia, era ela quem o convencia a prosseguir. *Não, Adhemar! Vamos!* dizia ela. A *dona Leonor ia*, emenda Aurelino. Além de importante na coordenação do trabalho feminino do PSP, D. Leonor de Barros teve um papel central na constituição da imagem benevolente e carismática de Adhemar, angariando o igualmente novo e grande contingente das mulheres eleitoras, particularmente as trabalhadoras.[19] Antigo líder comunista em São Miguel, Antônio Pereira da Mata atribui papel essencial à dona Leonor na política adhemarista. *No meu entender*, diz, *quem ajudava o Adhemar a ser eleito era Leonor de Barros. Mulher excelente, que fazia muita coisa em função do social*. Mesmo nos discursos de campanha de Adhemar de Barros as referências a sua esposa eram constantes. O mesmo Antônio Pereira da Mata lembra que, muitas vezes, ouviu Adhemar prometer em campanha mais ou menos da seguinte forma:

> *Eu vim aqui* [imita Adhemar] *para dar um recado que a Leonor mandou.* [...] *Me permitam que eu vou conversar com vocês. Eu vou só trazer um recado. A Leonor mandou dizer às mães e pais de família desse bairro, que nessa Nitro Operária vai ser levantado um hospital maternidade para as mulheres não precisarem estar assim, assado....*[20]

O prestígio de Adhemar e de seu partido nos bairros operários de São Paulo viria a se consolidar com a aliança PSP/PTB, que indicou Getúlio Vargas para a presidência em 1950, associando, desse modo, seu nome ao mais popular político entre os trabalhadores paulistas. Tanto Vargas, quanto Lucas Garcez, que saiu candidato ao governo de São Paulo pelo PSP, seriam eleitos. Além disso, o PSP elegeria a maior bancada da Assembléia Legislativa, com 19 deputados, efetivando-se como o maior partido do Estado. Vargas e Garcez foram vitoriosos nas principais cidades e áreas industriais do Estado.[21]

---

19 ANDRADE, A. Aurelino de Andrade: depoimento [1 dez. 2001]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2001. Sobre o trabalho feminino do PSP e a importância de Leonor de Barros para o adhemarismo ver também SAMPAIO, op. cit.

20 SANTOS, J. A. dos. Joaquim Anselmo dos Santos: depoimento [1 mar. 2001]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2001; MATA, A. P. da. Antônio Pereira da Mata: depoimento [15 mar. 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000.

21 Francisco Weffort aponta a importância das grandes cidades para a vitória de Getúlio Vargas em 1950. Naquelas eleições ele obteve cerca de 41% de sua votação total no país nos três Estados mais urbanizados. No Estado de São Paulo, por exemplo,

## As questões do bairro e a ascensão de Jânio Quadros

No entanto, apesar do crescimento do partido, a possibilidade de que as demandas populares não passassem pela estrutura do PSP abria a brecha para que se pudesse prescindir do partido. Este "perigoso precedente" foi posto em prática com o crescimento das sociedades amigos de bairro (SABs), que passaram a intermediar as demandas populares dos bairros diretamente com os vereadores, deputados e as repartições públicas competentes. Por isso, as constantes referências dos adhemaristas às SABs como as únicas organizações do bairro capazes de competir, efetivamente, com a máquina do PSP. As SABs foram, de fato, muitas vezes um "partido" concorrente. Por isso, o PSP passou a disputar também o controle e a direção das SABs.

A capacidade de barganha, o prestígio e a inserção dos diretórios distritais do PSP dependiam da sua habilidade de negociar internamente com o restante do partido e conquistar, seja do poder municipal, seja do poder estadual, as demandas dos moradores do bairro. Nesse sentido, a máquina partidária local funcionava como uma instância intermediária entre essas demandas e o poder público. Na verdade, essa função era extremamente frágil, porque seu não-atendimento representava a possibilidade do desmoronamento de toda a organização. Essa *fraqueza* veio à tona no diretório da Mooca e se deveu, segundo Isidoro Del Vecchio, ao fato de o diretório não contar com um vereador ou deputado influente nessa base eleitoral. Por isso, foram carreados para o diretório do Alto da Mooca os recursos que deviam ser divididos pelo bairro todo.[22] A máquina de concessões e barganhas na Mooca de Baixo ficou emperrada e parte dos membros do diretório rompeu com o PSP, justamente porque não conseguiam dar atendimento às demandas dos moradores e do grupo que dividia as benesses do acesso à máquina partidária.

Há outra razão, talvez até mais decisiva, para o rompimento de parte dos integrantes do diretório da Mooca com a máquina pessepista, ocorrido em plena campanha para a prefeitura, em 1953. Na oposição, o candidato do tostão Jânio Quadros empolgava a periferia estabelecendo vínculo privilegiado com as sociedades amigos de bairro. Ao que tudo indica, o rompimento foi facilitado pelo clima eleitoral. Com um aguçado senso de oportunidade, Jânio Quadros soube se

---

Vargas recebeu 61,59% dos votos, Cf. WEFFORT, F. *O populismo na política brasileira.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 125-126.

[22] DEL VECCHIO, I. Isidoro Del Vecchio: depoimento [5 maio 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000. 3 fitas cassetes.

aproveitar da cizânia entre os diretórios do PSP da Mooca e conseguiu se apropriar de parte do espólio do diretório Mooca de Baixo. A *transferência* de Adhemar para Jânio se deu, ao que parece, subordinada às questões do bairro. Ou seja, a descontinuidade, mesmo que temporária, no atendimento das demandas locais, foi fundamental nos realinhamentos políticos. E com Jânio Quadros o coração político do bairro se deslocou dos subdelegados e inspetores-de-quarteirão para as sociedades amigos de bairro. Exatamente por isso, a imagem de Jânio Quadros ficará indelevelmente ligada às SABs, a ponto de se atribuir a ele, equivocadamente, a sua criação:

> *As Sociedades Amigos de Bairro foram criadas justamente para combater o PSP.* [...] *Ninguém conseguia fazer um partido igual ao PSP, nós éramos imbatíveis como partido* [...] *Nós íamos para a rua, fazíamos comícios, fazíamos contatos, íamos na igreja, com o padre, o farmacêutico, o dono do armazém. Nós conseguimos montar uma estrutura. Então o que é que fez o Jânio? Sabendo que ele não podia fazer um partido à altura do PSP, começaram a se criar as Sociedades Amigos de Bairro.*[23]

As disputas entre Adhemar e Jânio nessa *bolsa de trocas e favores"* revelam que não havia uma relação solidificada de fidelidade entre os moradores de bairro e os políticos. A eficácia dessas lealdades estava assentada na troca do voto pelo atendimento das reivindicações das comunidades, evidenciando que o eleitorado popular estava atento às oscilações partidárias e respondia seletivamente a essa dinâmica. Talvez resida aí a marca dessa nova relação política que se experimentava nos bairros periféricos.

Desde a campanha para a Câmara Municipal de São Paulo, em 1947, pelo Partido Democrata Cristão (PDC), Jânio já demonstrara grande sensibilidade em relação às demandas que os movimentos de bairros traziam ao cenário político da cidade.[24] Sensível, ele percebeu o quanto do sucesso do PCB se devia a seu engajamento nessas questões, compreendendo a importância dos comitês democráticos e populares[25] e intuindo a novidade significativa das sociedades amigos de bairro que se espalhavam pelos subúrbios paulistanos. Por isso, Jânio Quadros foi um dos primeiros a levar as questões sobre luz elétrica, transporte, moradia, escola,

---

23 SAMPAIO, op. cit., p. 145. Depoimento de Armindo Rocha em 13 jan. 1978.

24 Difundiu-se um mito de que Jânio Quadros só ocupou uma cadeira na Câmara depois da cassação dos candidatos de Prestes, eleitos pelo Partido Social Trabalhista (PST). Nesta eleição, Jânio obteve 1.707 votos, o que lhe garantiu uma das vagas do PDC – juntamente com Valério Giulli, 2.326 votos e Miguel Franchini Neto, 1.587 votos – independentemente de qualquer cassação, Cf. DUARTE, 2002, p. 176. Tribunal Regional Eleitoral, caixa 3.247.

25 Os comitês democráticos e populares foram criados no imediato após-guerra, nos bairros e nas fábricas, sob inspiração comunista. Seu objetivo era fornecer uma ligação do partido com a realidade dos bairros periféricos, mas rapidamente eles se tornaram a referência para a articulação das demandas urbanas e, por isso, foram a principal fonte de inspiração das sociedades amigos de bairro, Cf. DUARTE, 2002. Capítulo I, principalmente.

creche, saneamento básico, calçamento, etc., para dentro da Câmara Municipal. E foi transformando esses temas em plataforma político-eleitoral que ele consolidou sua carreira pública. Por outro lado, Jânio Quadros iniciara sua vida política como adversário do então governador Adhemar de Barros e do PSP, notabilizando-se pelas ásperas críticas à administração da cidade – até esse momento sem autonomia administrativa e, portanto, governada por prefeitos indicados pelo governador – e pelas denúncias de corrupção e desmandos na máquina pública.[26]

Os discursos de Jânio na tribuna da Câmara protestavam contra muitos dos problemas vividos cotidianamente pelos trabalhadores da capital e, ao fazê-lo, legitimavam as demandas oriundas da periferia. A carestia, os abusos cometidos por comerciantes inescrupulosos, a falta de moradia e transportes, os atrasos dos trens, eram, entre outros temas, constante e veementemente repetidos por Jânio. A Light and Power Company Limited (LIGHT), então a empresa concessionária da distribuição de energia elétrica na cidade, era particularmente criticada e freqüentemente atacada por ele. Assim, Quadros priorizou os bairros populares como centro da sua atuação, politizando o difícil cotidiano de seus moradores e, ao reivindicar seus direitos como habitantes da cidade, aparecia cada vez mais como uma espécie de paladino da periferia paulistana.

Considerado excelente orador, Jânio, com seu estilo e teatralidade próprias, manipulava muito bem símbolos e temas que o identificavam com a população das localidades mais pobres da cidade. Desde sua campanha à Câmara Municipal, em 1947, Jânio Quadros percebeu a importância do contato direto com a população através de reuniões, visitas e comícios nos bairros periféricos. A experiência política do PCB nos anos anteriores havia demonstrado, para vários políticos que cortejavam as mesmas bases operárias, como o próprio Jânio, o quanto estes encontros podiam render em termos de popularidade e frutos eleitorais.[27] Além do conteúdo político em si, Jânio Quadros soube, como poucos, explorar o caráter lúdico que os trabalhadores da periferia atribuíam aos comícios. Artur Pinto de Oliveira é revelador neste sentido. Segundo ele, Jânio Quadros:

---

26 Para uma específica análise do período inicial da carreira de Jânio, Cf. WALMSLEY, S. M. de M. *Origens do janismo*: São Paulo, 1948/1953. 1992. 195 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. Seguindo as indicações de John French sobre o surgimento de políticos que, no após-guerra, perceberam a necessidade de atuar junto ao novo eleitorado urbano e operário, Walmsley situa Jânio como o principal expoente da *geração de 1948* que congregaria políticos como Lino de Matos, Anacleto Campanela, entre outros, que, embora em diferentes partidos, tinham como característica comum a construção de suas carreiras *apelando ao povo*.

27 Sobre o trabalho político do PCB no bairro de São Miguel, Cf. FONTES, 2002. Particularmente o capítulo 4.

> *Fazia comício aqui na Praça Getúlio Vargas Filho, era a praça principal. Eu vinha com minha esposa, na época era namorada, e os amigos. E ainda tinha as famílias, vinham assistir os comícios. Nem iluminação não tinha, era no escuro* [...]. *Eu ia porque naquela época a política era uma coisa que atraía, porque não tinha cinema,* [quer dizer] *em São Miguel, tinha o Cine São Miguel. Mas as pessoas iam no cinema mas não era só ir no cinema, tinha que ter outras coisas. A vida de São Miguel era política, eram os comícios que tinha naquela praça. Todo domingo tinha comício ali, em época de eleição, e a gente ia para lá. Ia eu, a minha esposa, iam os irmãos dela, as irmãs, os amigos... as famílias.*[28]

Depois de eleito vereador, Jânio Quadros passou a percorrer, a convite das organizações de bairro – SABs, clubes de futebol, associações culturais e recreativas, etc. – sem deixar de levar consigo o aparato de propaganda para fazer o necessário alarde, os cantos mais remotos da cidade e, em seguida, na tribuna da Câmara, dava visibilidade à sua condição de extrema precariedade:

> *A convite do povo das Vilas Moinho Velho, Nair e Alcântara Machado visitei o subdistrito do Ipiranga, na companhia do jornal A Hora, para conhecer uma necessidade local, que me foi encarecida pela comissão de moradores que esteve nesta Câmara* [...] *possuo em mãos* [...] *um abaixo-assinado de cidadãos que residem nas vilas interessadas.*[29]

As descrições dos bairros eram sempre contundentes. Suas mazelas, contudo, eram apresentadas não como resultado da natureza ou como conseqüência de um crescimento urbano inevitável, acelerado e desordenado. Os problemas eram tratados como conseqüência do descaso da administração pública, e a sua solução como um direito do morador, não como um favor ou uma concessão, ou mesmo como um benefício resultante de uma dádiva (nesse aspecto o janismo se constituía como a antítese do adhemarismo: a linguagem dos direitos era um tema janista). O que os discursos do vereador Jânio Quadros encenavam era algo que estava profundamente introjetado no imaginário popular: os deveres do Estado eram diretamente proporcionais aos direitos dos cidadãos. Mais que isso, seus discursos anunciavam os instrumentos privilegiados para o exercício desses direitos:

> *... não devem nada ao poder público* [os moradores do bairro], *porque essas ruas são conservadas pela 'Sociedade Amigos do Jardim da Saúde', que até caçamba própria possui e, sobretudo, o pedregulho; adquire a pedra, adquire os tijolos quebrados e procede aos consertos que se fazem necessários* [...] *estive 'in loco', não uma vez, mas duas, a pé, correndo as ruas, ponta a ponta e conversando com a população. A Sociedade dos Amigos do Bairro cedeu um prédio para a*

---

28 OLIVEIRA, A. P de. Artur Pinto de Oliveira: depoimento [16 abr. 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro. São Paulo 1998. 2 fitas cassetes.
29 SÃO PAULO (Cidade). Anais da Câmara Municipal, 12 abr. 1950.

> *instalação de um posto policial, construiu celas, deu cadeia, dois lotes para a construção da escola* [...]. *A Sociedade dos Amigos da Saúde, cujo nome não me canso de repetir, devo repetir necessariamente, porque ela é o poder público de lá.*[30]

Apoiado pelo jornal *A Hora*[31], Jânio dava publicidade às questões mais candentes de cada região da cidade, expostas nas páginas do periódico e relatadas com a habitual verve. Fonte da matéria-prima principal de sua ação, as visitas aos bairros, além de articular uma série de vínculos e apoios nos clubes e associações locais, permitiam o contato direto com um grande número de trabalhadores, pouco acostumados a ver políticos por perto, sobretudo fora dos períodos eleitorais. Nesses contatos, Jânio Quadros foi construindo a imagem de um político diferente, homem simples e acessível, próximo e interessado na vida e nos problemas dos pobres. Com aguda percepção das questões sociais relacionadas às demandas dos bairros periféricos, Jânio Quadros se transformou no seu porta-voz e o janismo emergiu como a expressão da sua legitimidade. A apresentação dessas reivindicações, tanto no âmbito da Câmara Municipal, quanto na imprensa escrita e falada, não apenas as legitimava enquanto demandas urbanas, como transformava a figura do vereador que as apresentava numa espécie de símbolo para as sociedades amigos de bairro que estavam se organizando. Essa foi a ponte que estabeleceu entre o vereador e os moradores dos bairros da periferia uma relação de reciprocidade e gratidão mediada pelo voto. De acordo com Eduardo Rosmaninho: *Porque... Veja, é uma questão de 'gratidão'. Antes do governo Jânio Quadros, em 1953, o bairro não tinha nada, nem placas nas ruas.*[32] Ainda hoje são freqüentes as referências de vários moradores de São Miguel Paulista a Jânio como *um de nós*. Artur Pinto de Oliveira, por exemplo, lembra que:

> *Ele chegava em São Miguel e vinha com um capote preto, com um cabelo assim... comendo sanduíche, entrava no bar e bebia pinga com a turma.* [...] *Apesar de falar um português incorrigível, ele não vinha com arrogância de universitário, de doutor, de professor, não! Ele era povão, as roupas dele... ele tinha um capote ensebado, que a turma diz que eram as caspas do cabelo que caíam. Aquele*

---

30 SÃO PAULO (Cidade). Anais da Câmara Municipal, 4 out. 1948.

31 *A Hora,* jornal de propriedade de Denner Médici, associou-se a Jânio logo no início de sua carreira política. O periódico dava ampla cobertura às visitas do político aos diversos bairros periféricos e publicava com bastante freqüência as propostas e os requerimentos de Quadros, tanto na Câmara Municipal, quanto na Assembléia Legislativa. Foi o único jornal a apoiar a candidatura de Jânio à prefeitura em 1953. Posteriormente, no entanto, a direção do diário romperia com o prefeito eleito. Nas eleições para governador em 1954 se alinharia à candidatura de Prestes Maia. No início de 1960, *A Hora* deixou de ser publicado.

32 ROSMANINHO, E. Eduardo Rosmaninho: depoimento [15 set. 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999. 2 fitas cassetes.

> *capote era famoso, o capote do Jânio, um capote velho e sujo, horroroso! E... mas a voz dele, a maneira dele falar.* [...] *Todo mundo apoiava ele.*[33]

Percepções como essa extrapolavam São Miguel e se espalhavam por toda a cidade. Eduardo Rosmaninho, morador do Bosque da Saúde recorda-se que uma das primeiras vezes que viu Jânio foi quando ele compareceu ao festival do Cruzeiro Paulista F. C. *no dia 15 de novembro de 1952, quando a sociedade amigos de bairro estava sendo fundada... Ele assistiu ao jogo de futebol, sentou-se à beira do campo, no final do jogo bebeu pinga na taça*.[34]

Desse modo, Jânio construía seu espaço político no mesmo movimento em que dava voz, da tribuna da Câmara Municipal, às denúncias das mazelas do crescimento urbano. Ao colocar os bairros populares e as demandas de seus moradores como eixo de sua atuação, Jânio Quadros conseguiu aprofundar, ainda mais do que Adhemar de Barros, os vínculos e a empatia com os trabalhadores e moradores das regiões mais pobres da cidade. Apesar de ser visto como benevolente, Adhemar, para os moradores da periferia, era claramente um outro, um político das classes dominantes e endinheiradas, que, ao contrário da maioria dos seus pares, se preocupava com os pobres. Jânio Quadros conseguiu ir mais longe. Mesmo sendo letrado e dono de algumas posses, era identificado como *povão*, alguém que não só entendia e compartilhava dos problemas dos trabalhadores, mas que estava disposto a lutar até o fim pela sua resolução. Em sua pesquisa com antigos moradores de uma vila de São Miguel, no início dos anos 1980, Teresa Caldeira constatou as fortes recordações que persistiam dele, o mais lembrado dos políticos do período pré-64:

> *Ficou representado*, analisa Caldeira, *não apenas como um governante que fez pelo povo, mas como um que era do povo,* [...] *tinha origem popular e se vestia com qualquer roupa, até com a capa suja, e andava pelos bairros 'bebendo pinga no copo' com seus eleitores*.[35]

Ademais, enfatizando a honestidade e a moralidade administrativa como bandeiras, Jânio ampliava ainda mais, no imaginário popular, o fosso que o separava de seu antagonista Adhemar

---

33 OLIVEIRA, A. P de. Artur Pinto de Oliveira: depoimento [16 abr. 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998. 2 fitas cassetes.

34 ROSMANINHO, E. Eduardo Rosmaninho: depoimento [15 set. 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999. 2 fitas cassetes.

de Barros. Mesmo um fiel adhemarista em São Miguel, como Augusto Ferreira Lima, considera que *Jânio Quadros era meio duro, mas era honrado, ele era honesto* [...] *ele queria as coisas certas e malandragem o Brasil tem.* [...] *Ele era mau, mas era honesto e a pessoa quando quer ser honesta é mau mesmo* (sic). Quadros soube capitalizar grande parte de um crescente descontentamento popular com os desvios éticos do governo estadual do PSP. *Também existia*, acrescenta Artur Pinto de Oliveira, *uma revolta que ele pregava: a moralização da administração pública* [...] *Ele era muito rigoroso nas decisões, nas administrações e na correção com o dinheiro público*.[36]

Assim, em torno da figura de Jânio Quadros foi construída uma aura de *autoridade moral* (que freqüentemente descambava para um autoritarismo de fato, e que era percebida por grande parte dos moradores da cidade, em particular os mais pobres, como a definição de um político diferente, ético e efetivamente preocupado com seus problemas e reivindicações. Como comenta uma analista, *ele criava assim* [...] *sua própria imagem de 'consciência de autoridade' e de justiceiro vigilante, refúgio dos fracos e injustiçados. Com esta imagem, conquistaria o coração da cidade*.[37] O que importava em muitos casos era a questão da autoridade. Muitos dos entrevistados que diziam votar em Jânio Quadros insistem nesse aspecto: o pulso forte, a ordem, a autoridade.

Assim, foi como *paladino da periferia* e *consciência moral* da justeza das suas demandas que a trajetória de Jânio Quadros se confundiu e se imbricou com a história das sociedades de amigos de bairro. Sua relevância era destacada e sua capacidade, muitas vezes, de ocupar o lugar do poder público e desempenhar as suas funções conferiam a elas, além do evidente papel simbólico como eixo das demandas dos bairros, um significado central na estratégia de relacionamento das organizações populares com o poder constituído; por isso, as SABs ocuparam lugar central no organograma do janismo. Não obstante, Jânio Quadros não criou nem inventou as sociedades amigos de bairro, mas certamente ele foi o político que mais soube se relacionar com elas. Mesmo simpatizantes do PCB e antigos membros dos comitês democráticos e populares perceberam em Jânio Quadros a continuidade de um projeto que era também seu:

---

35 CALDEIRA, T. P. do R. *A política dos outros*: cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 273.
36 LIMA, A. F. Augusto Ferreira Lima: depoimento [16 abr. 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998; OLIVEIRA, A. P de. Artur Pinto de Oliveira: depoimento [16 abr. 1998]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1998. 2 fitas cassetes.
37 Cf. WALMSLEY, op. cit., p. 81.

> *Por que os comunistas defendiam o trabalhador, mas o Jânio também defendia o trabalhador, então eles concorriam um com o outro, os comunistas e o Jânio. Eu votei sempre no Jânio. O Alto da Mooca era todo barro... Pedimos para governador, deputado, gente de fora, gente daqui, de perto do bairro, que calçasse a rua. Espera... Espera... passou anos. Quando entrou o Jânio, pouco tempo depois, dias, as máquinas trabalhando lá: 'Vamos começar a calçar o Alto da Mooca'. Ele ia no lugar... Ele ia lá, via os problemas no lugar. Ia lá, conversava com todo mundo e resolvia logo, resolvia tudo.*[38]

Evidentemente, a meteórica carreira de Jânio Quadros não pode ser atribuída apenas ao significado eleitoral e simbólico das SABs e da periferia, mas seu sucesso como vereador e a sua eleição para a prefeitura, em 1953, não podem ser satisfatoriamente explicados sem a compreensão do relacionamento estabelecido com as organizações dos bairros.

Não foi sem propósito, portanto, que na campanha para a prefeitura, em 1953, um observador aludisse ao fato de que Jânio havia *inaugurado o bairro como unidade política.*[39] Isso o distinguia profundamente dos seus adversários e o marcava como uma liderança de perfil novo em constante diálogo com estas novas unidades políticas. Toda a campanha para a prefeitura foi centrada em comitês organizados nos bairros a partir das sociedades de amigos, dos clubes de futebol e de outras organizações locais que o vereador havia visitado, como contou Eduardo Rosmaninho:

> *...na garagem do meu pai, na esquina onde era o clube de futebol, o 'Cruzeiro Futebol Clube', sempre fizemos os comitês do Jânio, para prefeito, deputado, governador, presidente. Maia que era o candidato dele. A gente abria todas as noites, colocava cartazes nos postes, entregava faixas para colocar nas casas. Fazíamos painéis. Um painel muito famoso, feito na Vila Gumercindo para a campanha da presidência, o Jânio estava varrendo um monte de ratos. Era um trabalho de casa em casa, que hoje já não teria condições de fazer. Toda a Sociedade Amigos de Bairro se envolvia.*[40]

Embora os problemas nos bairros e nas regiões periféricas fossem, juntamente com a moralidade administrativa, os temas centrais da ação parlamentar de Jânio, também não faltaram atitudes de apoio às greves e protestos de operários contra aqueles que ele classificava como *patrões prepotentes* e *gananciosos*, além de críticas às medidas repressivas do governo Dutra

---

38 CASTANHA, A. Alfredo Castanha: depoimento [6 maio 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999.

39 MOISÉS, J. A. *Classes populares e protesto urbano.* 1978. 449 f. Tese (Doutorado em Ciência Política)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978. Depoimento do coordenador da campanha de Jânio Quadros à prefeitura em 1953. p. 266.

contra o movimento sindical. Em seus discursos, Quadros freqüentemente denunciava as precárias condições de trabalhos em várias indústrias paulistanas e cobrava o cumprimento da legislação trabalhista. A Nitro Química, a Celosul, a Cimentos Perus e a Cia. Melhoramentos foram algumas das empresas atacadas pelo vereador. Os trabalhadores desta última empresa, localizada em Caieiras, por exemplo, chegaram a procurá-lo para apresentar reclamações contra maus-tratos e o descumprimento das leis trabalhistas.[41]

Jânio também deu claro apoio a várias paralisações sindicais. Já como deputado, no início dos anos 50 do século XX, defendeu efusivamente as reivindicações de ferroviários e bancários em greve. O antigo líder sindical Luiz Tenório de Lima — *Tenorinho* —, lembra que a paralisação dos bancários, em 1951, trouxe grande proveito para Jânio. *Ele se aproveitou da greve*, escreve Lima. *Saiu na frente dos grevistas e criou uma frase que ficou famosa na época: 'um pão a mais para os bancários, um charuto a menos para os banqueiros'*.[42] Tal política de Jânio possibilitou-lhe que, em poucos anos, se tornasse um dos homens públicos mais populares da cidade. Em 1950, foi o candidato mais votado para a Assembléia Legislativa. No cenário local, o perfil de Jânio colocava-o claramente no espectro da esquerda. Era próximo a parlamentares do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e, embora declarasse ser anticomunista, angariou simpatias no interior do PCB ao defender greves e o movimento pela paz desencadeado pelo partido no período da Guerra da Coréia. Jânio ainda protestou contra a prisão da tecelã comunista Elisa Branco, que havia sido detida por participar de uma manifestação contra o envio de tropas brasileiras à Coréia.[43]

A campanha de Jânio Quadros para a prefeitura em 1953 foi um marco em seu estreito relacionamento com as organizações de bairro. O mundo político recebeu inicialmente a candidatura de Jânio à prefeitura como uma bravata. Francisco Antônio Cardoso, Secretário de Saúde do governo de Lucas Garcez parecia um candidato imbatível. Apoiado por uma coligação de sete partidos (PSP, PSD, UDN, PTB, PRP[44], PR[45], PRT[46]), que praticamente reunia as principais forças políticas do Estado. Cardoso era, então, o favorito dos gabinetes e da imprensa.

---

40 ROSMANINHO, E. Eduardo Rosmaninho: depoimento [15 set. 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999. 2 fitas cassetes.
41 Cf. BENEVIDES, op. cit., p. 59; WALMSLEY, op. cit., p. 124; CHAIA, V. L. M. *A liderança política de Jânio Quadros* (1947-1990). Ibitinga: Humanidades, 1991. p. 50.
42 Cf. LIMA, L. T. de. *Movimento sindical e luta de classes*. São Paulo: O. Mendes, 1998. p. 24.
43 Cf. CHAIA, op. cit., p. 62/59.
44 Partido Republicano Paulista.
45 Partido Republicano.
46 Partido Republicano Trabalhista.

O PCB, na ilegalidade, apoiou a candidatura de André Nunes Júnior, ex-vereador do PTB que havia apoiado a Aliança Autonomista pela Paz e Contra a Carestia, de inspiração comunista. O vice de Nunes Júnior, que concorria pelo PST, era Nelson Rustici, presidente do sindicato dos têxteis de São Paulo.

Jânio Quadros, por sua vez, utilizou largamente os comícios de rua, nas mesmas ruas que ele denunciara da tribuna da Câmara. Enquanto seus adversários alugavam salões e faziam seus comícios em espaços fechados, com o público sentado comportadamente, Jânio Quadros ia até seus eleitores. Os famosos garrafões espalhados por toda a cidade coletando doações das mais diversas categorias sociais, alimentavam a mística da campanha, solidária e popular, reforçando seu *slogan* do Tostão Contra O Milhão. A tônica dos comícios de rua era *integrar a periferia à cidade* [...] *os que vivem do trabalho, moradores dos bairros afastados, sem água, esgotos, calçamento, condução para chegar ao trabalho*.[47] Esse vínculo com as SABs, nenhum outro político ou partido conseguiu repetir*: O Adhemar não marcou o bairro, o nosso bairro, na sua passagem como administrador.* Ou seja, nunca houve uma *vinculação emocional, de gratidão ou apreço como tinha com o Jânio....*[48]

A vitória do Tostão Contra O Milhão foi avassaladora. Quanto mais periférico o distrito, maior foi a quantidade de votos recebida por Quadros, derrotado apenas no rico Jardim América. Analisando esta eleição, Fernando Henrique Cardoso diria que com Jânio a periferia da cidade (a qual, em tom jocoso, chamou de *fundo do tacho da sociedade*) *fez-se presente na vida pública*. No total Jânio obteve 65,8% dos votos.[49]

A gestão de Jânio na prefeitura manteve em grande medida o prestígio de oposicionista e o impulsionou para as vitórias eleitorais nos anos seguintes. Eleito pelos bairros periféricos, Jânio desenvolveu um programa de ampliação da iluminação e da pavimentação pública e, de alguma forma, respondeu às inúmeras demandas por serviços públicos da população suburbana. São Miguel Paulista, por exemplo, foi um dos bairros beneficiados com algumas melhorias na gestão municipal de Jânio. João Freitas Lírio, um dos moradores do bairro desde 1950, considera a

---

47 MOISÉS, op. cit., p. 266. Depoimento do coordenador da campanha de 1953. Contudo, o *slogan* do Tostão Contra O Milhão, a despeito da sua força simbólica, foi um mito do janismo. O empresário têxtil Marcos Gasparian em seu livro de memórias conta que, motivado por uma disputa interna, do Rotary Club ajudou a financiar a campanha de Jânio, como vários outros industriais da cidade, Cf. GASPARIAN, M. *O industrial*. São Paulo: Martins, 1973. p. 184.

48 ROSMANINHO, E. Eduardo Rosmaninho: depoimento [15 set. 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999. 2 fitas cassetes.

49 Cf. CARDOSO, F. H.; LAMOUNIER, B., op. cit., p. 55; CHAIA, op. cit., p. 72. Na Mooca, Jânio obteve 73,5% dos votos. Em São Miguel Paulista, 74,5% e no Alto da Mooca, 77,6%, Cf. DUARTE, 2002, p. 176-177. Tribunal Regional Eleitoral, caixa 7.682.

eleição de Quadros um marco para a região. Jânio, segundo João Lírio, *pegou aqui e asfaltou, calçou essa rua da fábrica aí da estação*. [...] *Com ele as coisas começaram a melhorar*.[50] Também no Bosque da Saúde os moradores têm boas recordações da gestão de Jânio na prefeitura, para Eduardo Rosmaninho foi o:

> *Jânio* [que] *fez a primeira escola, asfaltou as primeiras ruas do bairro, colocou coleta de lixo, a primeira feira-livre... Fui testemunha ocular disso, porque assisti tudo... O primeiro homem público que fez alguma coisa pelo bairro, que trouxe os primeiros melhoramentos foi o Jânio*.[51]

Na prefeitura, Jânio Quadros estreitou mais ainda suas relações com as SABs com visitas semanais, que obedeciam a um ritual semelhante: eram preparadas pelas próprias sociedades e anunciadas antecipadamente com carros de som pelas ruas dos bairros, o que sempre implicava a presença de uma pequena multidão quando o prefeito chegava. Foi o que aconteceu, certa vez, no Bairro Siciliano em 27 de setembro de 1953:

> *...a fim de inteirar-se das reivindicações dos moradores da localidade, ali esteve o prefeito Jânio Quadros. Foi recebido na Sociedade Amigos de Bairro, entidade fundada em novembro do ano passado, que já conta com cerca de 400 sócios* [...] *debateu com os diretores os problemas locais* [...]. *As reivindicações mais prementes do bairro, além da melhoria geral – arruamento das ruas, pavimentação, sarjeteamento, etc. Sendo um bairro distante e não possuindo telefone nas casas de negócio, os moradores ali sentem muita necessidade de um telefone público de que possam servir-se a qualquer hora* [...] *cabe aos moradores, agora, indicarem o local apropriado para a instalação do aparelho* [...] *Jânio Quadros já determinou a instalação do telefone público*.[52]

Cenas como essas se repetiram ao longo de toda a sua administração. Mas isso não significou que as SABs tenham se tornado meros instrumentos da administração municipal. Sua relação com o poder público continuou sendo um equilíbrio delicado envolto numa acirrada e

---

50 LÍRIO, J. F. João Freitas Lírio: depoimento [19 set. 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000. 2 fitas cassetes.

51 ROSMANINHO, E. Eduardo Rosmaninho: depoimento [15 set. 1999]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 1999. 2 fitas cassetes.

52 Isso aconteceu em 25 de outubro de 1953, às 9h da manhã de um domingo em Vila Ipojuca. Às 10h no Jaraguá. Às 11h em Perus. Às 14h em Quitaúna. Às 15h em Itapevi. O mesmo esquema se repetiu no dia 4 de novembro, uma quarta-feira, e no dia 8 de novembro, um domingo, com visitas à Vila Madalena, Vila Mafalda, Vila Pierina, Guainazes, Parque Novo Mundo, Vila Espanhola, Bairro do Limão. *Folha Socialista*, São Paulo, 20 nov. 1953.

contínua disputa. A partir de 1953, Adhemar de Barros e Jânio Quadros definitivamente polarizariam as disputas políticas em São Paulo, participando diretamente ou não das eleições. Adhemar, com a vitória de Jânio na prefeitura, enfraqueceu-se na capital. Alguns autores chegam a apontar uma ruralização do adhemarismo a partir de 1953, referindo-se ao fato de que Adhemar e seu PSP permaneceriam como a principal força política no interior do Estado. De toda forma, Adhemar, apesar de derrotado em todas as suas disputas diretas com Jânio na cidade, continuaria uma liderança política muito forte na capital, sendo eleito prefeito em 1957.[53] Para muitos, a radical contraposição à Adhemar, explicaria a ascensão de Jânio na capital. Um grupo de ex-adhemaristas na Mooca que se bandearam para o lado de Jânio argumentam que: *o Jânio vendeu uma imagem que de imediato se contrapôs a toda a imagem negativa do Adhemar. Naquele momento, 1953, Jânio nos parecia ser o exato oposto daquele 'toma-lá-dá-cá' representado pelo Adhemar. O oposto do 'rouba-mas-faz'.*[54]

Perguntado se esse mesmo esquema do Toma-Lá-Dá-Cá não havia continuado quando o Jânio Quadros chegou à prefeitura, o Sr. Isidoro respondeu: *continuou... mas no sentido do reconhecimento da participação da pessoa*. Do ponto de vista dos moradores da periferia, a diferença entre Jânio e Adhemar não estava apenas na capacidade de atender às suas demandas, mas nesse *reconhecimento da pessoa*. Por exemplo, depois de eleito prefeito, Jânio criou um esquema em que recebia os representantes das SABs em seu gabinete, independente de ter hora marcada, e todos os membros das sociedades sabiam que tinham acesso direto e ilimitado ao gabinete do prefeito. Esse *reconhecimento da pessoa* tem mais que um efeito simbólico, ele demonstrava que qualquer um, de qualquer entidade de bairro, seria considerado.[55]

---

53 Cf. MOISÉS, op. cit., p. 278; CARDOSO, F. H.; LAMOUNIER, B., op. cit., p. 21. Adhemar e Jânio disputaram eleições um contra o outro em 1954 (governador, vitória de Jânio), 1960 (presidente, vitória de Jânio) e 1962 (novamente governador, vitória de Adhemar). Mesmo nessa última, ocorrida logo após o impacto da renúncia de Jânio Quadros à presidência em 1961, Jânio venceria Adhemar em São Miguel e na Mooca, Cf. CALDEIRA, op. cit., p. 46.

54 DEL VECCHIO, I. Isidoro Del Vecchio: depoimento [5 maio 2000]. Entrevistadores: Adriano Luiz Duarte e Paulo Roberto Ribeiro Fontes. São Paulo, 2000. 3 fitas cassetes.

52 Similarmente, Fernando Teixeira da Silva, ao analisar os portuários de Santos e suas relações com as práticas populistas de Vargas e Jango, destacou a importância do reconhecimento da dignidade dos trabalhadores, quando os representantes sindicais destes eram recebidos com respeito e amabilidade nos palácios governamentais, Cf. SILVA, F. T. Direitos, política e trabalho no porto de Santos. In: FORTES, A. et al. *Na luta por direitos*. Estudos recentes em história social do trabalho. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p.63-64.

**Populismo ou pacto trabalhista?**

Francisco Weffort, em sua análise sobre o populismo, procurou superar as explicações de cunho estrutural sobre as relações sociais e políticas do *intervalo democrático* (1945-1964) e enfatizar o papel dos atores políticos. Para ele,

> *a adesão das classes populares aos movimentos populistas* [...] *não se explica pela 'ausência' de experiência urbana ou de classe, mas exatamente por um tipo particular de experiência enraizada nas condições próprias da formação social desses países* [latino-americanos].[56]

Embora tal afirmação sugira um privilégio da análise da classe trabalhadora do período como agente no processo social e político – Weffort chega a afirmar que o populismo seria o resultado de uma aliança de classes –, ele não investe suficientemente nesta direção, como bem destacou Ângela de Castro Gomes.[57]

O modelo interpretativo do período populista que Weffort propõe, embora em alguns momentos afirme a ambigüidade da *manipulação* dos líderes populistas sobre os trabalhadores, de fato enfatiza a perspectiva da cooptação destes trabalhadores pelo Estado, decorrente da suposta incapacidade da burguesia nacional em tornar-se classe hegemônica e da suposta ausência de um proletariado autônomo e organizado. A obra de Weffort inspirou uma série de trabalhos nos anos 1970 e 1980 que, apesar de suas observações sobre a ação e auto-organização da classe operária, tenderam a incorporar o esquema de um Estado manipulador e de lideranças demagógicas cooptando as massas trabalhadoras como paradigma explicativo da vida social e política nacional desde a Revolução de 30. De tão disseminada, tal explicação passou a adjetivar inclusive o próprio período – principalmente entre os anos de 1945 e 1964 – chamado por muitos de *era populista* ou *república populista*.

Tal perspectiva passou a ser intensamente criticada a partir de meados da década de 1980. Rejeitando a tese da passividade dos trabalhadores e as idéias de manipulação e cooptação conduzidas por um Estado todo-poderoso, novas pesquisas e estudos revelaram um papel ativo

---

56 WEFFORT, op. cit., p. 136.
57 Cf. GOMES, A. de C. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

dos trabalhadores o que contribuiu para superar a ênfase largamente difundida entre autonomia e heteronomia da classe trabalhadora. Entender os trabalhadores como sujeitos da história que agem e efetivam escolhas num determinado campo de pressões e contra-pressões tem sido um dos objetivos centrais de muitos historiadores que vêm se debruçando sobre a história social da classe trabalhadora entre 1930 e 1964.[58]

No interior deste campo, as abordagens e os enfoques compõem um quadro razoavelmente diversificado. John French, por exemplo, procurou aprofundar o breve *insight* weffortiano de aliança policlassistas como um eixo explicativo para as relações entre trabalhadores, Estado, classes médias e burguesia naquele período. Tais alianças, embora feitas entre atores desiguais em termos de influência social e política não prescindia de negociações e reciprocidades recolocadas constantemente pela correlação de forças existente. Desse modo, configurava-se um *sistema político populista que influenciou o comportamento de todos os participantes*.[59]

Outros historiadores têm rejeitado a noção de populismo.[60] Destacando sua imprecisão conceitual e toda a carga pejorativa que a tornou *tão elástica e, de certo modo, a-histórica, que passou a explicar tudo – e, como ocorre nesses casos, a explicar muito pouco*. Mais importante, argumentam que o termo estaria tão impregnado pela dimensão tanto do controle e manipulação do Estado sobre as *massas* quanto pela idéia de cooptação, excluindo assim qualquer possibilidade de relação de conflito ou reciprocidade, esvaziando os sujeitos históricos, que se deveria, portanto, rejeitar o uso do conceito populismo, dado seu *efeito obscurecedor*.[61]

---

58 Cf., entre outros, PAOLI, M. C. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: LEITE LOPES, J. S. (Org.). *Cultura e identidade operária:* aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero: Ed. da UFRJ, 1987; GOMES, A. M. de C. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988; FRENCH, 1995. Um apanhado geral dos debates recentes em torno do populismo e um balanço das críticas ao conceito podem ser vistos em FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Particularmente a noção de "sindicalismo populista" como referência ao movimento operário dos anos 30 aos 60 do século XX vem sendo intensamente criticada. Além dos textos já citados, outros estudos nesta área podem ser encontrados, entre outros, nos livros de: LEITE LOPES, J. S. *A tecelagem dos conflitos de classe na 'cidade das chaminés'*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. da UNB: MCT/CNPq, 1988; RAMALHO, J. R. *Estado-Patrão e cultura operária*: o caso FNM. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; BADARÓ, M. *Novos e velhos sindicalismos.* Rio de Janeiro (1955-1988). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988; nos artigos reunidos em FORTES, 1999, e em SANTANA, M. A. *Homens partidos:* comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2001.

59 FRENCH, 1995, p. 267.

60 Neste sentido conferir particularmente os artigos de Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis Filho, In: FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

61 Cf. FERREIRA, J. Introdução. In: _____. *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 13; GOMES, A. de C. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 46-47.

Com diferenças de ênfase, Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis Filho propõem a noção de trabalhismo como mais adequada para se pensar as relações entre Estado e classe trabalhadora. Gomes fala em *pacto trabalhista*, que procura *enfatizar a relação entre atores desiguais, mas onde não há um Estado todo-poderoso*. Ferreira segue a trilha e afirma a importância de um *projeto trabalhista*, cuja expressão institucional teria sido o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), *a organização mais popular durante a experiência democrática pós-45, tornando-se, em 1964, a maior agremiação no espectro político do país.* Teria sido o *projeto trabalhista*, baseado numa relação em que Estado e classe trabalhadora *identificaram interesses comuns*, que *expressou uma consciência de classe* por parte dos trabalhadores e que colaborou fundamentalmente para a instituição de *uma identidade coletiva entre eles*.[62] Por sua vez, Aarão Reis Filho considera o populismo uma *invenção* política e acadêmica que serviu, após o golpe de 1964, para ocultar a *tradição trabalhista*, caracterizada por um *programa nacionalista, estatista e popular*.[63]

Claro está que este debate corrente expressa a grande insatisfação com os marcos do paradigma de populismo e a busca de um novo arcabouço teórico e conceitual que dê conta da complexa dinâmica política e social da experiência dos trabalhadores brasileiros durante a maior parte do século XX. Apesar disso, parece-nos insuficiente a substituição do conceito de populismo pelo conceito de trabalhismo, seja em qualquer uma de suas versões.[64] A ênfase isolada no aspecto trabalhista das relações políticas e sociais obscurece outras dimensões centrais da experiência dos trabalhadores naquele período e, de certa forma, repõe uma análise de classe exclusivamente voltada para as relações de trabalho e o mundo sindical. A dimensão urbana, por exemplo, aspecto vital na vida dos trabalhadores, particularmente nas cidades com grande expansão industrial naqueles anos, acaba negligenciada. Portanto, parece-nos impossível entender as relações políticas e sociais de então sem considerá-la e mais, sem relacioná-la, com outras dimensões da sociabilidade coletiva, incluindo, é claro, a essencial questão das relações trabalhistas e sindicais.

---

62 Cf. FERREIRA, J. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: _____. *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 59-124.

63 REIS FILHO, D. A. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: FERREIRA, J. (Org.). *O populismo e sua história*: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 345-347.

64 Como bem observou Alexandre Fortes em trabalho recente, *além do risco de substituir o estigma pela apologia, ao trocarmos o 'populismo' por 'trabalhismo' podemos estar mantendo, ou até mesmo aprofundando o equívoco de tentar explicar elementos diferentes de um mesmo momento histórico por um único termo*, Cf. FORTES, A. *Nós do Quarto Distrito*...: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. Em especial a conclusão Trabalhadores e sistema político populista.

A vida política em São Paulo entre as décadas de 30 e 60 do século XX é incompreensível tomando-se o trabalhismo como chave explicativa. No Estado mais industrializado do país e com a maior classe operária urbana, as mais populares lideranças políticas, Adhemar de Barros e Jânio Quadros, construíram suas carreiras por fora do chamado pacto trabalhista, embora flertassem ambiguamente com ele. O eixo central de suas carreiras, especialmente a de Jânio, passava pelo reconhecimento e pela centralidade da questão urbana e dos conseqüentes problemas causados pelo intenso ritmo de crescimento das cidades, particularmente a capital paulista, e pela divisão absolutamente desigual dos frutos do intenso desenvolvimento gerado, abrindo espaço para toda uma série de demandas populares que lhes serviu de ponte para o sucesso eleitoral. Por outro lado, apesar da popularidade de Vargas entre a classe trabalhadora, o PTB paulista era frágil e dividido. Para além dos direitos trabalhistas e das relações de trabalho, sempre presentes na pauta política e social em São Paulo, as reivindicações por melhores condições de vida, a respeitabilidade e dignidade de morar, o direito ao *progresso*, como entendido pelos trabalhadores naquele momento eram questões essenciais e que, portanto, precisam ser consideradas na análise das relações políticas entre os anos 30 e 60 do século XX.

Como compreender o fenômeno que ocorre nos bairros da cidade, nesses anos, senão utilizando o conceito de sistema político populista? Tendo em vista que o despertar do tema bairro e das questões urbanas que lhe são conexas decorre das ações populares organizadas, desde o Estado Novo, pelas associações de bairro – clubes de futebol, comitês, sociedades, associações étnicas, etc. – são elas que estabelecem, no espaço urbano, a importância desses temas como temas políticos. Foram os homens e as mulheres que construíram essas organizações de bairro que forçaram a inclusão destas *pautas locais* na agenda política do após-guerra. Por isso, o sistema populista é, num certo sentido, obra dessas mesmas organizações populares, tanto quanto a elas dirigida. Entretanto, as classes populares não são fenômenos estáticos, mas relações sociais e históricas, feitas e refeitas constantemente, resultado tanto das relações econômicas, quanto das escolhas políticas e culturais de seus próprios atores.[65] É nesse contexto que o conceito de populismo, na medida em que dialoga com esse contínuo fazer-se e refazer-se, ainda dá conta de alguns aspectos da constituição histórica das classes populares. De modo que, ao invés de tomá-lo como um fenômeno imposto de fora para dentro da classe, ou como uma ideologia, que implicaria a manipulação externa, ambos modos insatisfatórios de operar com

conceitos históricos, parece adequado compreendê-lo como um sistema político.[66] Ou seja, uma conjugação complexa e sofisticada de interesses e disputas entre atores desiguais, mas que não prescindia da reciprocidade e da negociação, na qual as classes populares estiveram presentes de forma decisiva.

As relações entre as classes populares, por meio das organizações de bairro, com os políticos populistas, aqui especificados nas figuras de Jânio e Adhemar, estão muito longe de exprimir alguma idéia de subordinação, inadequação, falsa consciência ou atitudes pré-políticas. Ao contrário, a constante referência, por parte das classes populares, ao poder público como alvo e endereço de suas reivindicações está diretamente ligada à centralidade do seu papel na vida cotidiana do cidadão comum em questões como o saneamento básico, eletrificação, calçamento, transporte e, conseqüentemente, na definição do que concebiam como direito à qualidade de vida. Por isso, concebiam também que entre as funções do governo estaria a determinação dos salários, da inflação e, conseqüentemente, do custo de vida. Desse modo, a referência ao Estado – marcante nos anos da chamada redemocratização – não expressa necessariamente alguma fraqueza da sociedade civil, nem tampouco a ausência de uma consciência autônoma e crítica – essa referência exprime via fundamental para o reconhecimento dos direitos.[67] O que parece estar em jogo na relação de figuras como Adhemar e Jânio com as organizações de bairro é a constante negociação do consentimento. Em outras palavras, é a constituição cotidiana da hegemonia política e cultural.[68] Tendo em vista as relações do adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, seria possível dizer que o sistema populista tem duas características decisivas: uma valorização abstrata da vontade do povo vista como justa e moralizadora e uma participação real desse povo tanto nas instituições tradicionalmente ligadas à política, como no caso do PSP, como em instituições da sociabilidade local, como clubes, sociedades e associações.

---

65 Esse é o sentido mais evidente que esse trabalho mantém da obra de E. P. Thompson. THOMPSON, E. P. *Formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. v. I, II e III.

66 A sugestão de se perceber o populismo como um sistema de relações está em Weffort*: nosso ponto de vista* [...] *é que esta adesão* [dos trabalhadores ao populismo] *não se explica pela 'ausência' de experiência urbana ou de classe mas exatamente por um tipo particular de experiência enraizada nas condições próprias da formação social desses países* [latino americanos]. WEFFORT, F. Urbanização, migrações e populismo. In: _____. *O populismo na política brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 136. Entretanto, ele não avançou nessa perspectiva que foi retomada por John French, para quem não houve um único populismo, mas vários, e todos incorporaram práticas políticas dos grupos aos quais se opunham e com os quais se relacionavam, Cf. FRENCH, 1995, p. 268.

67 ZALUAR, A. *A máquina e a revolta:* as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 112.

68 Sobre as noções de hegemonia política e cultural ver: THOMPSON, E. P. Patrícios e Plebeus. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 78; GENOVESE, E. D. A função hegemônica do direito. In: _____. *A terra prometida:* o mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1888. p. 48-76.

Assim, a idéia do vínculo direto entre os líderes carismáticos e as massas amorfas não se sustenta quando aproximamos o olhar da vida cotidiana dos bairros populares.

Certamente a larga ampliação da participação eleitoral a partir de 1945[69] provocava uma fundamental alteração na configuração das forças políticas no país modificando significativamente as sensibilidades políticas locais e o modo como eram disputados os votos. Em vários depoimentos colhidos os votos em Jânio e Adhemar são classificados como votos de gratidão, a retribuição dada por um benefício recebido. Assim, o ato de *dar o voto* era percebido como uma retribuição e estabelecia uma reciprocidade. Desta forma, é razoável supor que o eleitor dê o seu voto para alguém de quem possa cobrar, que seja do bairro, ou que esteja no bairro, enfim alguém que veja, com os próprios olhos, as suas necessidades. Nesse contexto, a presença capilar da sofisticada estrutura do PSP foi tão fundamental para o sucesso de Adhemar de Barros quanto o seu carisma pessoal. De modo similar, as visitas de Jânio Quadros aos bairros periféricos da cidade tinham um efeito muito mais do que simbólico, elas o aproximavam da realidade e da concretude das condições de vida dos seus habitantes, que viram nele uma possibilidade de realização da justiça à qual não teriam acesso de outra maneira. Os políticos iam ao bairro buscar votos, apoio e reconhecimento; os moradores queriam a ajuda e a intervenção de um político protetor que se colocasse como defensor do bairro e intermediasse junto aos órgãos públicos as suas demandas. E o instrumento dessa barganha foi o voto. Mas essa percepção popular da política era uma via de mão dupla. Ela resultava da percepção que tinham as classes populares de como eram vistos pelo poder público.

Essa maneira de se relacionar com o voto não é nem equivocada, nem alienada. Ao contrário, ela supõe uma clara noção de direitos. Por isso, é preciso relativizar a idéia de que nessa relação de troca não haja implícita uma noção de cidadania e representação. Em primeiro lugar porque ao dar a voz ao povo opera-se um duplo reconhecimento, de um lado, há o cidadão que pode dizer o que pensa e o que sente; de outro, há a relação política no qual se reconhece esse direito de dizer e expressar uma vontade. *Em ambos a dignidade é reconhecida. Os dois lados convivem, e o fato de haver relação pessoal não implica anular a dimensão política e coletiva da questão.*[70]

---

69 Até 1933, as eleições eram disputadas num círculo muito reduzido de eleitores. No Estado de São Paulo, neste último pleito registraram-se 299.074 votantes; já na eleição de 2 de dezembro de 1945, o eleitorado alcançou 1.565.248 de eleitores.
70 CALDEIRA, op. cit., p. 237.

Esse talvez seja o maior paradoxo do sistema populista, como foi descrito nas trajetórias de Adhemar de Barros e Jânio Quadros nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista: o de operar simultaneamente em dois registros aparentemente contraditórios, inserindo os trabalhadores em redes de relações pessoais de clientelismo, mas recuperando a sua dimensão como cidadão, através do voto e da participação política e social. Sem desconsiderar que ambos são simultaneamente constitutivos de um contexto político e de uma prática política, *não aparecem isolados e um não chega a sobrepujar o outro. Assim, não é porque alguém prefere o tempo do tapinha nas costas que está cego ao que ocorre na política em termos gerais*.[71] Ou seja, essa dupla dimensão – a relação pessoal do favor e a relação impessoal do voto – estão umbilicalmente ligadas, uma não se sobrepõe à outra e ambas são constitutivas das tramas políticas das organizações populares dos bairros periféricos entre as décadas de 40 e 60 do século XX. Destarte, a razão pela qual o sistema populista não pode ser reduzido a uma simples política de clientela está no direito de dizer e na ação coletiva que esse direito produz. A conquista política da fala não é uma dádiva, mas resultado da ação concreta. O que as trajetórias das organizações de bairro, como as SABs, evidenciam não é a dicotomia: clientelismo *versus* consciência autônoma. Mas a construção de estratégias possíveis, concretas e reais para canalizar os recursos disponíveis dentro dos quadros institucionais dados, nos quais a margem de ação das classes populares era bastante restrita, mas não totalmente ausente. Por isso, a relação de gratidão não impede as classes populares de exercer um distanciamento crítico, quando a necessária retribuição não se concretiza.

De maneira geral são muito enfatizados, nos argumentos acerca do populismo, a idéia de que os líderes populistas estabelecem relações diretas com as massas, relações essas assentadas no apelo emocional pessoal, capaz de mobilizar o eleitorado. Caberia aos partidos políticos simplesmente a tarefa de organizar um eleitorado já previamente conquistado pelo carisma pessoal do líder e proporcionar-lhe a proteção e as facilidades para que permanecesse vinculado e fiel. A trajetória do adhemarismo e do janismo nos bairros da Mooca e São Miguel não confirma esta percepção. A idéia da relação direta, baseada no carisma e sem intermediações, entre o líder e as massas não se sustenta. O que embasou e manteve o sucesso – tanto de Jânio quanto de Adhemar – foi a enorme e densa rede de relações assentada nas subdelegacias, nos inspetores-de-quarteirão, nos clubes de futebol, nas organizações de dança, nas associações culturais, nas

71 Ibid., p. 239.

sociedades amigos de bairro, etc. Mais adequado seria sugerir que ambos se utilizaram de um “novo” conjunto de instituições que alargavam o campo da organização político-partidária e lastreavam a suas pretensões eleitorais. A teia de contatos e favores estabelecida nos bairros não foi criada a partir do carisma pessoal – nem de Jânio nem de Adhemar – ao contrário, a sua projeção como lideranças de massa foi conseqüência da eficácia e da abrangência da rede de contatos assentada nas organizações de bairro. Mas isso não põe em questão a existência do carisma dos líderes populistas, o contato direto e pessoal era um elemento importante que coroava todo o arranjo da negociação do consenso, mas ele era o fim de um percurso, não o início.

# POPULISM FROM BELOW: ADHEMARISMO E JANISMO IN THE DISTRICTS OF MOOCA AND SÃO MIGUEL PAULISTA, 1947-1953

**ABSTRACT**

This article seeks to understand the rise of the Brazilian political leaders Adhemar de Barros and Jânio Quadros and their relationship with a complex social network at the local level. The article also explores the development of political machines that served to create their political myths. The authors analyze the adhemarismo and janismo in two working-class neighborhoods of São Paulo: Mooca and São Miguel Paulista.

**KEYWORDS**

Populism; Neighborhoods of São Paulo; Workers; Political parties